



## DA ECOLOGIA DO MONTADO A UMA PEDAGOGIA DOS AFETOS

Albertina Raposo<sup>1</sup>, Paula Mira<sup>2</sup> e Ivana Ribeiro<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Departamento de Biociências, Instituto Politécnico de Beja, Portugal, [albertina@ipbeja.pt](mailto:albertina@ipbeja.pt)

<sup>2</sup> Agroturismo Xistos, Portugal, [paulacondutomira@gmail.com](mailto:paulacondutomira@gmail.com)

<sup>3</sup> LABEEST, Laboratório de Estudos do Estresse, UNICAMP, Brasil, [ivana.ibeve@gmail.com](mailto:ivana.ibeve@gmail.com)

### Resumo

*Estudantes do Curso Técnico e Profissional de Agropecuária Mediterrânica do Instituto Politécnico de Beja na Unidade Curricular Ecologia dos Sistemas Agrosilvopastoris desenvolvem parte das suas aulas in loco, num minibusque mediterrânico existente na Herdade do Monte da Ponte na qual se insere o Agroturismo Xistos. Este trabalho foca-se nas relações que se estabelecem em aulas como as acima mencionadas, no potencial de trabalho que a isso corresponde e ao mesmo tempo leva-nos a pensar o conceito de Educação Ambiental numa perspetiva de transformação de pessoas, grupos e sociedade.*

### Introdução

As contínuas e profundas mudanças com que a sociedade dos nossos dias se confronta faz com que “a sala de aula” de há 30 anos atrás esteja obsoleta no presente. Professores e estudantes são também produto das alterações sociais e como tal têm agora necessidades e mesmo papéis diferentes em contexto de ensino-aprendizagem. Pacheco [1] afirma que “a aprendizagem acontece quando há um vínculo afetivo entre quem supostamente ensina e quem supostamente aprende”. Para que esse vínculo afetivo se estabeleça o professor não pode mais ser aquele que carrega a mochila do saber absoluto; pelo contrário, ele deve ser aquele que ajuda o estudante a fazer as suas aprendizagens, que o desafia a aprender acreditando nele, que o orienta salvaguardando a sua autonomia e que o valoriza pelos seus progressos. Ou seja, “um professor não ensina aquilo que diz, ele transmite aquilo que é” [1]. Trata-se de valores que não são ensinados, mas são demonstrados nas mais pequenas atitudes de um educador [2]. Este aspeto, corrobora por um lado, o afirmado por Raposo e Duarte [3] de que Ensino e Aprendizagem estão interrelacionados e devem estar assentes nas relações interpessoais e por outro lado o que defendem Ribeiro e Schwartz [2] de que há uma relação entre os processos cognitivos e as emoções e a cognição tem um papel fundamental no desencadeamento de emoções positivas, as quais, estando



associadas ao prazer das novas formas de aprender, abrem novas perspectivas para esta relação, ensino e aprendizagem, não de algo obrigatório, mas de algo que traz satisfação. Como aprender, porque aprender e como somos beneficiados por isso.

Considerar uma aprendizagem mais emocional, equilibrando-a com a aprendizagem racional propicia maior apreensão, assimilação e interpretação do objeto de estudo. Como lembram Maturana e Verden-Zöllner [4], a emoção é que define a ação e, portanto, proporcionar emoções positivas, pode traduzir-se em ações sustentáveis. O *stress*, já percebido em faixas etárias cada vez mais baixas, e entre elas, os grupos escolares, é um exemplo da insustentabilidade do ensino. Isso acontece devido ao acúmulo de atividades, a um enquadramento metodológico pouco atrativo e aos desencantos percebidos do mundo ao redor. Molina [5], afirma que tanto o agente *stressor* (pessoa, situação ou ambiente), como os efeitos que ele pode causar sobre o indivíduo, podem ser descritos como “situações desagradáveis que provocam dor, sofrimento desprazer”. São estratégias como esta, onde novos cenários/novas experiências de ensino e aprendizagem são colocadas em prática, que podem servir de antídoto para as emoções que não colaboram para a formação das novas gerações, contribuindo para que possam vir a ser gerações impulsionadoras de sociedades felizes e sustentáveis.

No âmbito da sua oferta formativa, o IPBeja ministra Cursos técnicos e superiores profissionais (TeSP) cujo regime jurídico se encontra previsto no Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro; entre eles o de TeSP de agropecuária mediterrânica. Este ciclo de estudos não confere grau académico, tem 120 créditos e a duração de quatro semestres curriculares de trabalho dos estudantes, constituídos por um conjunto de unidades curriculares organizadas em componentes de formação geral e científica, formação técnica e formação em contexto de trabalho, que se concretiza através de um estágio.

Os titulares de diploma de técnico superior profissional podem aceder e ingressar nos ciclos de estudos de licenciatura e integrados de mestrado através de um concurso especial próprio a si destinado, adquirindo o respetivo grau académico [6]. O TeSP de Agropecuária Mediterrânica garante a sequência de formação dos titulares do curso de Técnico de Produção Agrária referenciado como prioridade Média a nível nacional e a nível do baixo Alentejo. Esta área integra-se na Linha estruturante e de especialização inteligente do PORAentejo 2020 - Complexo Agro-alimentar e Florestal, que considera como domínio estratégico a “valorização das



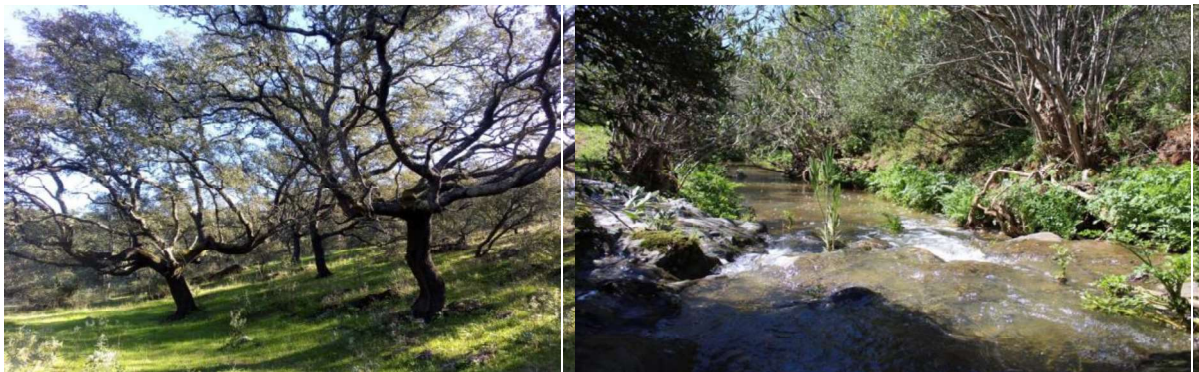
atividades regionais competitivas no complexo de atividades agro-industrial e alimentar, englobando o montado, com expressão também na fileira das carnes (sistema de produção extensivo) e na produção de produtos de elevada qualidade com Denominação de Origem” [7]. O papel destes futuros técnicos assume-se de particular importância se pensarmos que é sua a responsabilidade de sensibilizar e ao mesmo tempo aconselhar agricultores e produtores florestais, no sentido de conciliar biodiversidade e espaços agrícolas que podem ser em si mesmos, potenciais *hotspots* de biodiversidade como já o é o montado.

A Unidade Curricular (UC) de Ecologia dos sistemas agrosilvopastoris, com 45 horas de contacto, surge no 1º semestre do 1º ano do curso como uma UC introdutória onde a componente sensibilização e motivação de cada um dos estudantes pode, em nossa opinião condicionar o sucesso do curso no futuro. Nesta ótica, optamos por estar no terreno com os estudantes durante as primeiras sete semanas de aula. Partindo da questão inicial “Como podemos conservar aquilo que desconhecemos?” e acreditando, como defendem Daminelli e Menezes [8] que para se ajudar a ampliar a consciência das pessoas é necessário que lhes sejam proporcionadas experiências e vivências para que através delas se altere a relação da pessoa com a natureza e com o mundo em geral, o nosso objetivo é o de proporcionar aos estudantes momentos na natureza que são para cada um uma experiência e ao mesmo tempo uma possibilidade de reflexão e de abertura aos temas da UC. Se, como afirmam Courchamp e Bradshaw [9] o conhecimento socio ecológico ajuda a não deixar cair no esquecimento a realidade de que o Humano é uma componente dos ecossistemas e estas práticas de aulas *in loco* contribuirão seguramente para escrever uma história social, ecológica e cultural à escala local.

## **A escolha do local e a metodologia**

Enquadrado em pleno montado entre a serra de Mértola e a reserva da biosfera de castro verde, o mini bosque mediterrânico do agro-turismo Xistos (<http://www.xistos.pt/pt/sustentabilidade/>) tem cerca de 40ha e é o laboratório perfeito para aprendizagens de Ecologia dos sistemas agrosilvopastoris (Figura 1). À sua riqueza em biodiversidade ao nível dos estratos herbáceo e arbustivo, às azinheiras centenárias que se inserem em plena rocha de xisto ou ainda à ribeira e sua galeria que conforme a estação do ano assumem comportamentos tão distintos junta-se a exploração agro-pecuária do montado que se faz na Herdade do Monte da Ponte. E todos os elementos desta riqueza natural e paisagística, tornam-se ainda mais ricos pela presença constante e indispensável dos proprietários que nos contam as histórias que provam que conhecer e compreender os aspetos da

multifuncionalidade do montado é muito mais do que um conhecimento acabado e inserido numa ou noutra área disciplinar. É um processo. Contínuo, dinâmico, transdisciplinar, que não se pode confinar a uma temática única nem a um momento final.



**Figura 1:** Paisagem do bosque mediterrâneo do Agroturismo Xistos.

A metodologia usada nestas aulas é diversificada e conforme o objetivo a atingir podem ser escolhidas técnicas participativas de aprendizagem ativa ou simplesmente momentos de escuta ativa, de diálogo informal ou até mesmo de exploração de sentidos como por exemplo os cheiros ou aromas (Figura 2). Existem 3 momentos que decorrem em contexto de sala de aula sendo o primeiro no início para informação geral sobre o funcionamento da UC, o segundo a meio para estruturação e consolidação de conceitos e o terceiro no final para sistematização das aprendizagens.



**Figura 2:** Sentir a natureza e trabalhar os sentidos.



## Resultados e lições aprendidas

Os resultados deste trabalho mostram no final:

- Uma ação ao nível da diferenciação pedagógica que acontece naturalmente de acordo com os tipos preferenciais individuais de aprendizagem (visual, auditivo ou cinestésico) e
- Alunos mais motivados mais conhecedores da realidade Montado, mais autónomos mais responsáveis, mais solidários e um grupo/turma mais coeso, organizado, comunicativo e FELIZ, uma vez que proporcionam momentos de alegria, harmonia e bem-estar [10,11]. Estes aspetos corroboram a ideia de que as práticas pedagógicas individualizadas e as relações interpessoais que se estabelecem são de facto condicionadoras do sucesso da aprendizagem e por outro lado que, relativamente à temática Ecologia dos Sistemas Agrosilvopastoris, este espaço de bosque mediterrânico tem uma importância fundamental para aulas *in loco* que permitem trabalhar paralelamente conteúdos e sentidos, cognição e emoção, racionalidade e afetividade.

## Considerações finais

As práticas pedagógicas desenvolvidas confirmam o facto de que as relações Humano-Natureza são a chave para a salvaguarda dos ecossistemas pois o melhor caminho para conseguir uma sustentabilidade global é criar uma consciência individual que permita construir gradualmente, uma sustentabilidade individual. Neste exemplo de exercício de uma pedagogia adaptada para um aprender *in loco*, a partir de uma *in-corporação* de experiências teóricas, sensoriais e emocionais, podem estruturar-se experiências e aprendizagens que vão além das questões conceptuais, mas adentram os sistemas de valores que podem estar relacionados não apenas com os valores em relação à natureza, mas com os valores de integração entre nós humanos e a natureza sendo esta palco para a compreensão sobre o próprio ser humano.

Por fim, importa salientar que os seres humanos detêm um vasto conhecimento acerca da natureza e da natureza humana no sentido da sua constituição física, mas pouco conhecimento ainda sobre a sua própria natureza. Explorar a natureza no sentido dos próprios sentidos, significa integrar razão e emoção e é um trabalho que merece ser desenvolvido.



## Referências

1. Pacheco, J. (2018) <https://observador.pt/especiais/jose-pacheco-aulas-no-seculo-xxi-sao-um-escandalo-aulas-ninguem-aprende/> acessido a 18 abril 2018
2. RIBEIRO, I.C.; SCHWARTZ, G.M. (2017) Valores em transformação: por uma felicidade sustentável. São Paulo: Garcia Ediziones
3. Raposo, A. e Duarte, M. (2018), Entre laços: todos juntos por mais e melhores aprendizagens, II Encontro de Educadores e professores da Universidade de Évora, 22 e 23 fevereiro
4. Maturana, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. (2004) Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Atenas
5. Molina, Omar Franklin (1996) Estresse no cotidiano. São Paulo: Pancast, p. 124-8
6. <https://www.dges.gov.pt/pt/pagina/cursos-tecnicos-superiores-profissionais>, acessido a 10 abril 2018
7. <https://www.ipbeja.pt/cursos/cstp/esa-cstp-agromed/Paginas/default.aspx> , acessido a 10 abril 2018
8. Daminelli, R. e Silva, S. (2009) Casos de sucesso na educação ambiental: casos de 1 a 10, Curitiba, brasil ISBN 978-85-7638-775-6
9. Courchamp e Bradshaw (2018) 100 articles every ecologista should read, Nature Ecology & Evolution, volume 2, doi: 10.1038/s41559-017-0370-9
10. Golbspan, Jose Irineu.(2013) Aplicabilidade das teorias quanticas nas diversas terapias frequenciais. Revista Saúde Quântica, v. 2, n. 2, p. 7-14
11. Coviello, L. *et al.*(2014) Detecting Emotional Contagion in Massive Social Networks. PloS one, v. 9, n. 3, p. e 90315 Disponível em: <http://www.plosone.org/article/info%3Adoi%2F10.1371%2Fjournal.pone.0090315#pone-0090315-g003>>. Acessido em 18 set 2014.